

“Mona Lisa”  
... ou “a nossa Mona” (segundo os alunos)

Rui Monteiro | 2006  
rui.mont@mail.pt

Rui Monteiro é licenciado pela Escola Superior de Educação do Instituto Superior Politécnico de Viseu, em "Professores do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico - variante de Educação Visual e Tecnológica". Actualmente lecciona a disciplina de Educação Visual e Tecnológica no Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Poiares, distrito de Coimbra.

É doutorando em "Modos de Conhecimento da Prática Artística Contemporânea", na Escola Superior Artística do Porto em protocolo com a Universidade de Vigo - Galiza (Espanha), sob orientação da Profª. Dr.ª Mónica Oliveira e cuja tese de doutoramento incide sobre a Problemática do Ensino das Artes Plásticas Contemporâneas ao nível do 2º Ciclo do Ensino Básico.

Com o bombardeamento de informação a que diariamente estamos sujeitos, não nos é fácil direccionar, muitas vezes, o nosso interesse para um objectivo só. De uma forma geral, acabamos por ficar detidos por uma ansiedade tipicamente contemporânea e, irremediavelmente, vamos adormecer a nossa visão ou esquecer outras formas de ver o mundo. E, mesmo que tal não aconteça, o ritmo da sociedade que nos cerca, leva a que os processos se tornem obsoletos antes mesmo de serem realizados.

O mundo, as relações e as identidades mudaram, assim como as concepções e as práticas educacionais. É de notar que as novas formas de divisão social passam da era industrial, baseada em recursos materiais e físicos, para a era do conhecimento, baseada em recursos efémeros e imateriais.

Vivemos num mundo emergente, onde tanto o conhecimento como muitas formas de entretenimento são visualmente construídos e o que vemos é tão ou mais importante do que aquilo que lemos. O universo visual, quando estimulado, ensina a olhar e a olhar-se, ajuda a construir representações sobre o próprio sujeito e sobre o mundo.

É lógico que o distanciamento cultural entre a arte e a sociedade em geral, está cada vez mais assumido. A arte está circunscrita, infelizmente, a um mundo socialmente limitado. Porém, será através do espaço educativo que, efectivamente, podemos dar uma contribuição no sentido de possibilitar o acesso à arte a uma grande maioria de crianças e adolescentes.

Sendo a escola o primeiro espaço formal onde se dá o desenvolvimento de cidadãos, nada melhor do que aí se proporcionar o contacto sistematizado com o universo artístico e suas linguagens, democratizando o conhecimento da arte.

O Ensino Básico é uma mais-valia para confrontar através do experimentalismo a teoria e levantar questões discursivas da própria imagem, possibilitando uma visão da obra de arte como objecto resistente.

As experiências em artes não só sociabilizam os alunos como lhes oferecem a oportunidade de explorar e criar intimidade com materiais e técnicas, descobrindo as possibilidades expressivas e, desta forma, ampliando o seu campo referencial. Existe uma enorme necessidade de sensibilizar os alunos que se encontram no Ensino

Básico, dentro de uma perspectiva crítica, para uma aprendizagem de questões no âmbito da Estética e da Arte.

Com a proposta do desenvolvimento de uma Unidade de Trabalho onde os conteúdos são abordados em torno de Mona Lisa de Leonardo da Vinci, espera-se que os alunos consigam alicerçar coordenadas de conhecimento – capital cultural – e que adoptem uma determinada sensibilidade à presença da Arte.

Como nos é fácil de prever, Mona Lisa sempre desenvolveu, e desenvolverá, nos artistas uma certa curiosidade, senão vejamos a obra de Marcel Duchamp quando lhe ofereceu, humoristicamente, uma barba e um bigode. Assim, nesta curiosidade e repetição do conceito “Mona” ao longo dos tempos, verificamos que o pastiche é, enfim, uma característica do autêntico artista que é capaz de perceber o sentido do discurso da sua “polis”, não porque tenha essa pretensão ou megalomania, mas porque tem “antenas” para isso.

Foca-se a necessidade de se analisar este recurso da linguagem (pastiche), não isoladamente, mas numa rede de significações. É necessário ver a tensão entre a paródia, a estilização, a paráfrase e a apropriação.

Segundo Frederic Jameson (1), a arte pós-moderna é a verdadeira arte do pastiche. “No período dos anos 60, a arte reflecte o capitalismo tardio, a sociedade de consumo, a sociedade dos media, o reinado da obsolescência programada, a falta de individualidade atrás da máscara.” Encontramos nessa cultura caminhos que nos levam ao falso novo, ao velho reformulado. A desafiante saída diante da arte actual passa pelas vias da paródia e da estilização e está no dialogismo, na polifonia crítica e criativa, carnalizadora e restauradora da vitalidade e não elogiosa da simples perversão, do nihilismo e da morte.

Passar da teoria à prática implica interesse, investigação e sensibilização mútuas (professor/alunos) no adquirir de domínios de novas e alargadas fronteiras do conhecimento.

Os professores devem ser os primeiros a proporcionar “situações e experiências” com as artes, devem permitir o encontro da sensibilidade criativa e estética.

É nos professores que assenta o acto de intervir, preparar, investigar, provocar o processo de ensino-aprendizagem e a construção do conhecimento.

AGIRRE, I., (2001), Bases estéticas del programa expresionista para la educación artística. En F. Hernández, R. Juanola y L. Morejón (Comps.) IV Jornades d'Història de l'Educació Artística. Barcelona: Publicacions de la Facultat de Belles Arts.

ARNHEIM, Rudolf, (1999), Consideraciones sobre la educación artística, Barcelona, Ed. Paidós.

BARBOSA, Ana Mae, (1975), Teoria e prática da Educação Artística, São Paulo, Cultrix.

BARBOSA, Ana Mae, (2001), A imagem no ensino da Arte, São Paulo, Ed. Perspectiva.

CHALMERS, F. Graeme, (s. d.), Arte, educación y diversidad cultural: Nueva introducción del autor, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica.

DORFLES, Gillo, (2001), As Oscilações do Gosto: A Arte de Hoje entre a Tecnocracia e o Consumismo. Coleção Arte no Tempo, Lisboa, Livros Horizonte.

EFLAND, Arthur D., (s. d.) Una historia de la educación del arte: Tendencias intelectuales y sociales en la enseñanza de las artes visuales, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica.

EISNER, Elliot W., (1998), Educar la visión artística, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica.

HERNANDEZ, F., (1997), Cultura Visual y Educación, Sevilla, MCEP.

HERNANDEZ, F., (1999) Estudios culturales y lo emergente en la educación. Cuadernos de Pedagogía.

HERNANDEZ, F., (2000) "Mapping Adolescents Visual Culture" en la Sesión Visual Knowledge, Local Experiences and Difference: Reconsidering Cultural Studies Orthodoxy. 3rd International Crossroads in Cultural Studies Conference. Universidad de Birmingham, 21-25 de Agosto.

VITTA, Maurizio, (2003), El sistema de las representaciones cotidianas, Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica.

YIGOTSKY, L. S., (2003), La imaginación y el arte en la infancia, Básica de Bolsillo, Madrid, Ediciones Akal.

